

Câncer já mata mais do que doença cardiovascular em 700 cidades

Saúde pública

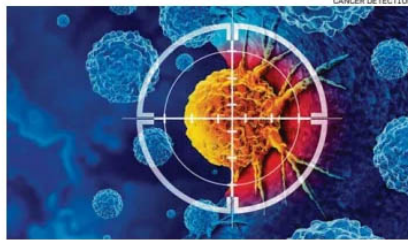
Câncer mata mais que doença cardiovascular em 700 cidades do País

Com envelhecimento, Brasil vive transição para cenário de país desenvolvido, destaca pesquisa

BEATRIZ BULHÕES

O número de cidades brasileiras onde a principal causa de morte por doenças é o câncer tem aumentado nos últimos anos, revela uma pesquisa publicada na revista científica The Lancet Regional Health-Americas. Segundo o epidemiologista Leandro Rezende, coordenador do trabalho e professor do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a mudança significa que os brasileiros estão vivendo mais e o tratamento das doenças cardiovasculares está fazendo efeito.

Dos 5.570 municípios do País, 727 (13%) indicaram essa mudança em 2019. O número quase dobrou desde 2000, quando essa era a realidade de apenas 366 cidades (7%). Os cientistas avaliaram, por ano, a taxa e as causas de mortalidade. Depois, a análise focou também nos índices de mortalidade considerada prematura por doença cardiovascular e câncer, ou seja, nos óbitos de pessoas entre 30 e 69 anos de idade. Essa é a classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para "mortes que poderiam ser evitadas".



Processo de detecção do câncer; trabalho foi publicado na 'Lancet'

Saiba mais	
<p>● Queda Entre os anos pesquisados, a mortalidade por doenças cardiovasculares diminuiu em 25 Estados brasileiros. Considerando o número de mortes a cada 100 mil adultos nos anos de 2000 e 2019, respectivamente, tiveram destaque:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Paraná, com uma queda de 315,3 para 144,4 2. Rio Grande Do Sul, de 301,8 para 134,4 3. Santa Catarina, de 296,5 para 136,1 	<ol style="list-style-type: none"> 4. Espírito Santo, de 291 para 147,2 5. São Paulo, de 300 para 158,8 <p>● Alta Em paralelo, a taxa de mortalidade por câncer cresceu em 15 Estados, com destaque para:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Paraíba, que registrou avanço de 43,8 para 95,0 2. Tocantins, de 45,9 para 80,1 3. Piauí, de 52,0 para 86,1 4. Maranhão, com a taxa passando de 38,7 para 72,2

“Com o envelhecimento, é esperado que as pessoas morram por câncer. Mas o falecimento de jovens por doenças cardiovasculares, a princípio, poderia ser evitado com prevenção ou tratamento”, explica o pesquisador. Em 2000, 15,5% dos municípios tinham mais mortalidade prematura por câncer do que por doença cardiovascular. Em 2019, o índice saltou para 34% das cidades. É importante destacar, entretanto, que apenas 85% dos óbitos foram preenchidos corretamente nos anos iniciais. A partir de 2016, esse índice subiu para 99%.

DIFERENÇAS POR ESTADO. Embora a pesquisa mostre que, em 2019, a taxa de mortalidade prematura por doenças cardíacas ainda superava as mortes por câncer no Brasil, há uma tendência de queda relacionada aos óbitos por problemas cardiovasculares, sugerindo transição no cenário. Em seis unidades federativas – Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina –, a mortalidade prematura por câncer já se mostrou maior, segundo o estudo, que reuniu cientistas baseados em Brasil, Chile, China e Estados Unidos.

Rezende conta que esse padrão (de mais mortes por câncer) é observado em países desenvolvidos. O Brasil, considerado emergente, passa pelo processo de inversão. Para classificar os resultados, os pesquisadores criaram divisões por ano, idade e região, mas também por renda per capita, utilizando o índice de desenvolvimento humano (IDH) municipal e dados da população obtidos pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Em geral, vemos essa transição das causas de morte mais avançada em municípios com alta renda per capita que estão particularmente localizados nas Regiões Sul e Sudeste do País”, detalha o professor. “Es-

sa transição mostra que os avanços no tratamento e na prevenção das doenças cardiovasculares trouxeram uma redução na mortalidade por essa causa”, reforça Rezende.

COMPORTAMENTO. O pesquisador conta que, além do envelhecimento, questões relacionadas aos hábitos de vida podem ajudar a explicar a transição. Segundo ele, embora fatores como obesidade e má alimentação influenciem nas duas doenças, é necessário um esforço maior para combater alguns fatores de risco associados ao câncer, como tabagismo e consumo de álcool.

“Se um fumante para de fumar, em cerca de dois anos ele já reduziu um pouco o risco de doenças cardiovasculares”, afirma. Já no caso do câncer, o impacto da medida não é tão rápido assim.

Vale um esforço maior
Entre os fatores de risco associados ao câncer, é preciso combater sobretudo tabagismo e álcool

Por isso, o foco dos pesquisadores é a prevenção. “Sabendo quais municípios estão em transição, é possível enviar mais recursos de oncologia, para evitar as mortes como um todo”, exemplifica Rezende.

No início do ano, um estudo da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo (Socesp), com 2.764 pessoas na capital paulista e em cidades do interior do Estado, mostrou que a maioria dos respondentes não conhecia os principais fatores de risco por trás de problemas como infarto e acidente vascular cerebral (AVC).

Mais recentemente, um levantamento com 1.036 brasileiros entre 16 e 60 anos mostrou que muitas pessoas têm dificuldade de identificar mitos e verdades sobre o câncer de mama, primeira causa de morte por tumores no País. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: MetrÓpole Caderno: A Pagina: 17